

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

21ª questão

Trecho da obra "Viagem à terra do Brasil" (1578), do calvinista Jean de Lèry.

Viagem à terra do Brasil de Jean de Lèry

Texto de viajante

Palavras-chave

Colonização

Trabalho indígena

Séc. XVI

O diálogo acima teria se passado na década de 1550 entre um tupinambá, do grupo nativo da costa brasileira, e o pastor calvinista Jean de Lèry (1534-1611). O indígena queria saber por que os europeus vinham de terras longínquas a fim de buscar madeira para a extração de tintas.

Alternativas

A. o diálogo mostra visões de mundo muito diferentes em relação a temas como a natureza, o comércio, herança e riqueza.

B. ao falar em "maírs" e "perôs", o tupinambá mencionava franceses e portugueses, que disputavam a exploração da região.

C. pelo diálogo, podemos perceber indígenas e europeus em negociação, numa imagem distante da tradicional, marcada apenas por conflitos e destruição.

D. o diálogo nos mostra como, em suas origens, os indígenas têm um modo de vida nômade, caçador e coletor, pouco afeito ao trabalho e ao cuidado com seus descendentes.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Viagem à terra do Brasil de Jean de Lèry

Texto de viajante

Colonização

Trabalho indígena

Séc. XVI

Viagem à terra do Brasil (outros trechos)

Texto de viajante

Colonização

Trabalho indígena

Séc. XVI

População nativa

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

22ª questão

Em 1º de junho de 1826, o navio Frederico partiu do porto de Bremen, na atual Alemanha, com destino ao Brasil. Um documento de registro mostra que os colonos transportados nesta embarcação eram os seguintes:

Documento de registro com listagem de passageiros do navio Frederico.

Lista de colonos

Listagem oficial

Palavras-chave

Colonização

Séc. XIX

Imigração

Trabalho

Observando essa lista e as informações nela contidas, podemos afirmar:

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Lista de colonos

Listagem oficial

Colonização

Séc. XIX

Imigração

Trabalho

Alternativas

- A.** os chefes de família dos colonos que formavam estes grupos declaravam sua idade, estado civil, profissão, religião e local de origem.
- B.** eram exclusivamente famílias numerosas, condição necessária para o trabalho agrícola.
- C.** entre eles encontravam-se profissionais e artesãos de ofícios essenciais à vida cotidiana das pequenas comunidades rurais.
- D.** a experiência da imigração para o Brasil é um tema que antecede o advento da República.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

23ª questão

Texto adaptado de artigo de revista sobre a Conjuração Baiana. **O preço da liberdade**

Artigo de revista

Palavras-chave

Séc. XVIII

Movimentos sociais

Cultura política

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

O preço da liberdade

Artigo de revista

Séc. XVIII

Movimentos sociais

Cultura política

Escolha a alternativa mais pertinente:

Alternativas

- A.** o texto põe em questão a representação historiográfica que caracteriza essa conjura como exclusivamente popular.
- B.** os homens de “consideração” envolvidos no movimento ocorrido em Salvador livraram-se das acusações culpando seus escravos.
- C.** não havia distinção social entre os envolvidos na Conjuração Baiana.
- D.** os revoltosos colocaram em pauta uma discussão sobre revolução, república, democracia e, nesta cultura política, os panfletos foram uma forma de comunicação importante.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

24ª questão

Artigo da revista Anauê (1935), por Luis da Câmara Cascudo (1898-1986).

Artigo da revista Anauê (1935)

Artigo de revista

Palavras-chave

Séc. XX

Movimentos sociais

Assinale:

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Artigo da revista Anauê (1935)

Artigo de revista

Séc. XX

Movimentos sociais

Alternativas

A. o texto, publicado na revista oficial dos integralistas – Anauê - traz impresso um forte sentimento nacionalista, retratado como sagrado, também característico da Ação Integralista Brasileira (AIB).

B. o partido integralista tinha como seu maior aliado o presidente Getúlio Vargas (1930-1945), que também era defensor da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

C. a Ação Integralista Brasileira (AIB), que tinha em Luiz da Câmara Cascudo um de seus defensores, foi criada por Plínio Salgado e se caracterizava pelo combate ao comunismo e ao liberalismo econômico.

D. os integralistas utilizavam uma série de símbolos característicos, como camisas e capacetes de cor verde-oliva, calças pretas ou brancas e gravatas pretas. “Anauê” era a forma como se saudavam.

Cartaz integralista

Cartaz

Séc. XX

Movimentos sociais

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

25ª questão

Trecho de "Cultura e opulência do Brasil por suas Drogas e Minas. Sobre as migrações às Minas, 1711, de autoria **Brasil**" de André João Antonil.

Trecho de livro

Palavras-chave

Colonização

Séc. XVIII

Mineração

Atividades econômicas

O documento acima:

Alternativas

A. descreve a exploração das minas e a intensa movimentação étnica e social para a região da mineração no início do século XVIII.

B. relaciona o surto econômico mineiro ao povoamento da região.

C. indica que o ouro não era suficiente para enriquecer todo o fluxo migratório.

D. apresenta diferentes relações de trabalho indicando que a escravidão não era a única forma de exploração da riqueza do local.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Imagem de Santa

Artefato

Séc. XVIII

Cultura material

Mineração

Atividades econômicas

Trecho de "Cultura e opulência do Brasil"

Trecho de livro

Colonização

Séc. XVIII

Mineração

Atividades econômicas

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

26ª questão

Artigo abordando a questão da ditadura no Brasil.

Trecho do texto "Falso moralismo"

Artigo de revista

Palavras-chave

Séc. XX

Ditadura

Tortura

Segundo o texto acima:

Alternativas

A. a ausência de princípios democráticos durante a ditadura militar (1964-1985) era um elemento de desmando e fonte de corrupção.

B. o conceito de corrupção é ampliado ao se identificar com a noção de desrespeito à dignidade humana com o uso da tortura.

C. os militares foram bem sucedidos em coibir a corrupção existente no poder público.

D. corrupção e práticas abusivas podiam ocorrer até mesmo sob o amparo da lei.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Charge 1

Charge

Séc. XX

Imprensa

Trecho do texto "Falso moralismo"

Artigo de revista

Séc. XX

Ditadura

Tortura

Sugestões de leituras sobre a ditadura

Livros e sites

Séc. XX

Ditadura

Tortura

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

27ª questão

Na Revista Ilustrada de 06 de Novembro de 1880 o artista Ângelo Agostini retratou, por meio dessa ilustração e da legenda “Uma nuvem que cresce cada vez mais”, a abolição da escravidão.

**Uma nuvem que cresce cada vez mais**

Gravura

Palavras-chave

Imprensa

Séc. XIX

Escravidão

Relações de trabalho

Sobre o documento, podemos dizer que:

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes

documentos abaixo:

Documento 1

Documento

Séc. XIX

Escravidão

Uma nuvem que cresce cada vez mais

Gravura

Imprensa

Séc. XIX

Escravidão

Relações de trabalho

Alternativas

- A.** utiliza texto e imagem para criticar a escravidão do período.
- B.** mostra o senhor que tenta defender-se da “tempestade do abolicionismo” e ao mesmo tempo impedir que seu escravo, que continua a trabalhar, veja-a.
- C.** representa o movimento abolicionista como uma tempestade que se aproxima.
- D.** mostra que Agostini era a favor da escravidão ao representar as dificuldades enfrentadas pelos senhores de escravos em manter os cativos sob seu domínio.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

28ª questão

Observe a imagem abaixo:



Getúlio e Roosevelt

Ilustração

Palavras-chave

Séc. XX

Imprensa

Cultura política

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Getúlio e Roosevelt

Ilustração

Séc. XX

Imprensa

Cultura política

A imagem retrata Getúlio Vargas (1882-1954) (a figura ao centro) e o presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Roosevelt (1882-1945) (a figura à direita), ambos de chapéu panamá, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, durante a Segunda Guerra Mundial, em janeiro de 1943. A partir da leitura da imagem e de seus conhecimentos, assinale a alternativa:

Alternativas

- A.** a imagem documentou o momento de aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos da América. Nesse encontro foi decidida a construção de base militar no nordeste brasileiro.
- B.** a imagem destaca a semelhança física e no vestuário dos presidentes, o que sugeria o alinhamento simétrico entre os dois Estados.
- C.** no período o Brasil vivia sob o regime do governo provisório de Vargas e começava a se aproximar dos Estados Unidos da América.
- D.** a aproximação entre Brasil e Estados Unidos, que perdurou ao longo da Ditadura Militar brasileira e mesmo após a reabertura política em 1985, é retratada pela imagem em um de seus principais momentos.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

29ª questão

Trecho de "Brás, Bexiga e Barra Funda" de Alcântara Machado (1901-1935).

Trecho de "Brás, Bexiga e Barra Funda"

Texto literário

Palavras-chave

Séc. XX

Literatura

Cidade

Imigração

A partir do trecho do romance acima, pode-se afirmar que:

Alternativas

A. acima dos problemas de etnia, neste texto transparece o pressuposto do trabalho como meio de ascensão e inserção social.

B. há uma referência aos estereótipos de identidade nacional.

C. "Carcamano" e "pé-de-chumbo" não são indicativos de uma condição social subalterna.

D. indígena e negro são retratados como os "donos da terra", que aqui já se encontravam quando chegaram os imigrantes.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Trecho de "Brás, Bexiga e Barra Funda"

Texto literário

Séc. XX

Literatura

Cidade

Imigração

O português macarrônico de Juó

Bananère

Explicação

Séc. XX

Literatura

Imigração

Juó Bananère

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

30ª questão

A imagem abaixo ironiza a atuação do embaixador inglês no Brasil, no acontecimento que ficou conhecido como Questão Christie.



Charge sobre a Questão Christie

Charge

Palavras-chave

Imprensa

Séc. XIX

Escravidão

Política

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes

documentos abaixo:

Charge sobre a Questão Christie

Charge

Imprensa

Séc. XIX

Escravidão

Política

A partir da imagem e dos seus conhecimentos, pode-se afirmar que:

Alternativas

A. a imagem ironiza uma questão internacional a qual, ao final, deu ganho de causa ao Brasil.

B. o embaixador é representado como o criador de uma situação que o colocava sobre um barril de pólvora prestes a explodir.

C. os leitores da revista podiam ver o embaixador retratado com a solução do problema nas mãos diante do apoio do povo brasileiro.

D. mostra-se um diplomata inábil que colocou a si mesmo e ao seu país numa situação delicada, que poderia causar o rompimento político entre Brasil e Inglaterra.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

31ª questão

Trecho do artigo acadêmico de autoria de Sandra J. Pesavento sobre a cidade de Porto Alegre.

Lugares malditos: a cidade do 'outro' no Sul brasileiro

Artigo acadêmico

Palavras-chave

Urbanização

Cidade

Trecho do artigo acadêmico "A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle" de autoria de Sebastião Rogério Ponte.

A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle

Artigo acadêmico

Palavras-chave

Urbanização

Cidade

Os textos acima referem-se:

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Lugares malditos: a cidade do 'outro' no Sul brasileiro

Artigo acadêmico

Urbanização

Cidade

A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle

Artigo acadêmico

Urbanização

Cidade

Alternativas

A. aos processos de integração e exclusão urbana em duas capitais: Porto Alegre e Fortaleza.

B. a dois processos de urbanização que tinham perspectivas opostas em relação aos mais pobres no início do período republicano.

C. a projetos de modernização das duas capitais que implicavam marginalização de parte da população por suas condições étnicas, sociais e morais.

D. à influência de um ideário de civilização que impregnou as reformas urbanas e sociais no Brasil a partir de fins do século XIX.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

32ª questão

Relatório/autobiografia do Visconde de Mauá descrevendo os seus feitos.

Navegação a vapor do Rio Amazonas

Relatório

Palavras-chave

Formação do território nacional

Séc. XIX

Atividades econômicas

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Navegação a vapor do Rio Amazonas

Relatório

Formação do território nacional

Séc. XIX

Atividades econômicas

A partir das afirmações do então Visconde de Mauá (1813-1889) em sua autobiografia, e de seus conhecimentos, podemos dizer que:

Alternativas

A. havia preocupação por parte do governo de D. Pedro II em integrar, através de vias de comunicação, a região norte ao Império brasileiro.

B. no Brasil do século XIX, a justificativa de investimento em áreas de fronteira a serem desbravadas vinha acompanhada do argumento da missão civilizadora.

C. o Visconde de Mauá foi pioneiro empreendedor na construção de estradas de ferro, telégrafo, navegação, indústrias e bancos, entre outras atividades comerciais.

D. correio, transportes de mercadoria, rebocagem e utilização dos modernos navios a vapor foram fundamentais para garantir o domínio político e as atividades comerciais na região do vale do Rio Amazonas e seus afluentes, que se encontrava à época aberta à navegação internacional.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

33ª questão

Documento escrito por Padre Manoel da Nóbrega em 1549.

Carta do Brasil (1549)

Carta

Palavras-chave

Colonização

Mulheres

Séc. XVI

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Carta do Brasil (1549)

Carta

Colonização

Mulheres

Séc. XVI

O documento afirma que:

Alternativas

A. seria conveniente que o rei enviasse mulheres para o Brasil, pois havia poucas no território.

B. enviando mulheres da Europa, mesmo as de má reputação, seria evitada a miscigenação com as indígenas.

C. o matrimônio sugerido seria benéfico para os colonos e para as mulheres de “pouco remédio de casamento”.

D. o casamento entre mulheres portuguesas e colonos ajudaria a povoar a terra e daria “remédio à vida” das indesejadas na Europa.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

34ª questão

A revista Ciência Hoje publicou a seguinte notícia:

Reportagem sobre livro que estuda as relações Brasil-Angola.

O Brasil no Atlântico Sul

Artigo de revista

Palavras-chave

Formação do território nacional

Atividades econômicas

Política

Baseado nesta reportagem, pode-se pensar sobre o Brasil colônia:

Alternativas

A. o Atlântico sul relacionava a América e a África, logo a formação do Brasil não se restringiu apenas ao binômio Brasil-Portugal.

B. o tráfico de escravos foi um negócio formador do território brasileiro.

C. Angola foi explorada e colonizada por brasileiros.

D. o trabalho compulsório no Brasil colônia foi formado pelo tráfico de escravos africanos e também por "negros da terra".

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Mapa das colônias portuguesas à época das Grandes Navegações

Mapa

Colonização

Formação do território nacional

Mapa Mundi

Mapa indicando o local contemporâneo das antigas colônias e posses portuguesas

Mapa

Colonização

Formação do território nacional

Mapa Mundi

Descolonização

O Brasil no Atlântico Sul

Artigo de revista

Formação do território nacional

Atividades econômicas

Política

Trecho de "O trato dos viventes"

Trecho de livro

Formação do território nacional

Atividades econômicas

Política

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

35ª questão

Documento enviado ao Rei pelo Conselho Ultramarino em 1725.

Conselho Ultramarino

Representação legal

Palavras-chave

Séc. XVIII

Conselho Ultramarino

Representação política

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Conselho Ultramarino

Representação legal

Séc. XVIII

Conselho Ultramarino

Representação política

Por meio do documento, podemos afirmar que:

Alternativas

A. o Conselho preocupava-se em livrar o governo de três categorias distintas de pessoas: mulatos, indivíduos com deficiências físicas e indivíduos com deficiências morais.

B. o Conselho considerava aptas a ocuparem cargo público apenas as pessoas brancas.

C. tratava-se da lógica da "limpeza de sangue", ainda vigente na colônia no século XVIII.

D. o pedido do Conselho Ultramarino ao rei indica que era possível que indivíduos mulatos pleiteassem cargos públicos.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

36ª questão

Quadrinha cantada pelas ruas do Recife durante o movimento conhecido como a Confederação do Equador (1824).

Quadrinha de 1824

Quadrinha

Palavras-chave

Séc. XIX

Movimentos sociais

Política

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Quadrinha de 1824

Quadrinha

Séc. XIX

Movimentos sociais

Política

A partir da quadrinha acima podemos verificar que:

Alternativas

- A.** havia descontentamento dos pernambucanos com o governo de Dom Pedro I.
- B.** a expressão "corte na Corte" refere-se à vontade separatista.
- C.** que o descontentamento não era com o Imperador, mas com os políticos que não representavam bem as suas províncias.
- D.** que a restrita possibilidade de participação no governo de Pedro I justificava o rompimento entre o nordeste e o resto do país.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

37ª questão

Ainda sobre a confederação do Equador, da qual tratamos na questão 36, podemos dizer que:

Alternativas

- A.** no Brasil não havia equilíbrio entre as unidades político-administrativas.
- B.** foi um movimento republicano que se inspirava no liberalismo e no federalismo.
- C.** trata-se de um levante isolado, uma reação pernambucana aos desmandos do Imperador que recebeu a reprovação das outras províncias do norte e nordeste, sendo intensamente combatido por seus vizinhos.
- D.** está inserido em um grupo de movimentos ocorridos no nordeste caracterizados pela contestação e resistência.

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:
Quadrinha de 1824

Quadrinha

Séc. XIX

Movimentos sociais

Política

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

38ª questão

Trecho de texto do jesuíta Antonio Vieira, 1694.

Texto de Antonio Vieira (1694)

Documento

Palavras-chave

Trabalho indígena

População nativa

Séc. XVII

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Texto de Antonio Vieira (1694)

Documento

Trabalho indígena

População nativa

Séc. XVII

Texto do bandeirante Domingos Jorge Velho, séc. XVII.

Texto de Domingos Jorge Velho

Documento

Palavras-chave

Trabalho indígena

População nativa

Séc. XVII

Texto de Domingos Jorge Velho

Documento

Trabalho indígena

População nativa

Séc. XVII

Depois de ler ambos os documentos, podemos afirmar que:

Alternativas

A. o uso do trabalho indígena é interpretado de formas diferentes pelo religioso e pelo bandeirante. Enquanto o primeiro o vê como injustiça e crueldade, o segundo o vê como serviço prestado, que resulta em aprendizado para os índios.

B. apesar de proibida, a escravidão indígena era prática corrente em toda a colônia.

C. tanto a posição do jesuíta como a do bandeirante fazem parte de uma mesma lógica: a da colonização.

D. os dois textos consideram que apenas a escravidão pode civilizar os indígenas.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

39ª questão

Artigo de revista de divulgação sobre protestos durante o **Guerrilha do Beijo** regime militar.

Artigo de revista

Palavras-chave

Séc. XX

Movimentos sociais

Ditadura

Documentos relacionados

Para saber mais, veja estes documentos abaixo:

Guerrilha do Beijo

Artigo de revista

Séc. XX

Movimentos sociais

Ditadura

Alternativas

A. o texto articula questões morais e políticas dentro do período da ditadura militar.

B. a decisão pela proibição do beijo na cidade de Sorocaba foi considerada conservadora por todos os grupos sociais do município.

C. as palavras de ordem "Mais beijo, mais pão, abaixo a repressão" transcendiam o contexto local para referir-se à necessidade de mudanças políticas e sociais para o Brasil.

D. o movimento pela liberdade de beijar em público foi encabeçado por grupos de jovens sorocabanos de diferentes profissões.

Questões

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

40ª - Tarefa

Prezada equipe participante:

Nessa tarefa, vocês devem preencher a “certidão de nascimento” ou o “registro” de sua escola, conforme as instruções na ficha abaixo.

Nosso objetivo é conhecer melhor o lugar onde vocês estudam e, nesse processo, possibilitar que conheçam melhor a sua própria escola.

Nome da escola:

Data de fundação:

Nome do funcionário mais antigo e qual a função dele na escola:

Quantos professores:

Quantos alunos:

Quantos livros há na biblioteca de sua escola:

Quantas salas de aula:

As aulas ocorrem (assinale):

- ☐ Período da manhã
- ☐ Período da tarde
- ☐ Período da noite

Qual a principal característica de sua escola?

O que a equipe gostaria que a escola tivesse que ela não tem?

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Viagem à terra do Brasil de Jean de Lèry

Texto de viajante

– Por que vindes vós outros, mairs e perôs buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?

Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente:

– E porventura precisais de muito?

– Sim – respondi-lhe – pois no nosso país existem negociantes que possuem panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregado.

– Há! – retrucou o selvagem – tu me contas maravilhas – acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera.

– Mas esse homem tão rico não morre?

– Sim – disse eu – morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo:

– E quando morrem para quem fica o que deixam?

– Para seus filhos se os têm – respondi – na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos.

– Na verdade – continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo – agora vejo que vós outros mairs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

Para saber mais consulte os documentos relacionados.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Viagem à terra do Brasil (outros trechos)

Texto de viajante

Viagem à Terra do Brasil

VIII

Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano

Depois de discorrer acerca do que vimos no mar, tanto na ida para o Brasil, como no regresso à França, depois de narrar o que se passou na ilha e forte de Coligny, onde residii Villegaignon, enquanto aí estivemos, e igualmente após divagar sobre o rio Guanabara, quando também me referi demoradamente aos fatos ocorridos anteriormente a meu embarque, cabe-me dizer o que observei com referência ao modo de vida dos selvagens e a outras coisas singulares e desconhecidas aquém-mar, que vi nesse país.

Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados tupinambás, entre os quais residii durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos que os europeus; são porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios. Apesar de chegarem muitos a 120 anos (sabem contar a idade pela luação), poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação, mas ainda que pouco se preocupam com as coisas deste mundo. E de fato nem bebem eles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, esses fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiância e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso tudo os inquieta e menos ainda os apasiona e domina, como adiante os mostrarei. E parece que haurem todos eles na Fonte da Juventude.

Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em que habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pêlos ou cabeludos. Ao contrário. Têm pêlos como nós, mas apenas lhes repontam pêlos em qualquer parte do corpo, mesmo nas pálpebras e sobrancelhas, arrancam-nos com as unhas ou pinças que lhes dão os cristãos, e tal como fazem, ao que se diz, os habitantes da ilha de Cumuna, no Peru. Aliás o fato de arrancá-los das pálpebras e sobrancelhas torna-lhes a vista zarolha e feroz. Entretanto, os nossos tupinambás excetuam os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosquiados bem rentes na parte superior e anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.

E para nada omitir, se possível, nesta matéria, direi que existem nesse país certas plantas cujas folhas da largura de quase dois dedos, côncavas como a palha do milho grosso, a que chamamos em França de trigo mourisco e com os quais os velhos usam envolver o membro viril atando-as com fios de algodão; também costumam envolvê-los em lenços ou pedaços de pano que lhes dão os europeus. Entretanto tal costume não é seguido por todos e nunca por rapazes ou meninos. Embora pareça à primeira vista que o façam por lhes restar ainda algum resquícios de pudor natural, suponho que seja apenas para ocultar alguma enfermidade que na velhice lhes ataca tal órgão. Os rapazes têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito à semelhança de uma carrapeta; e como a parte pontuda sai para fora uma polegada mais ou menos e fica o osso retido por um ressalto entre o beijo e a gengiva, eles o tiram e colocam como querem. Mas só usam esse osso branco na adolescência; quando adultos, curumim-açu (isto é, menino crescido), usam no furo do beijo uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro presa por uma parte mais larga; algumas existem compridas e roliças como um dedo e destas trouxe eu uma para a França. Quando retiram a pedra do beijo e por divertimento enfiam a língua pela fenda, apresentam como que duas bocas, o que, como é de imaginar, os deforma horrivelmente. Ademais vi homens que não contentes com usar essas pedras verdes nos lábios ainda as traziam nas duas faces, furadas para esse fim

Quanto ao nariz, em vez de fazerem como as nossas parteiras que por ocasião do nascimento das crianças apertam-lhes as ventas com os dedos a fim de tornar-lhes o nariz afilado, os nossos americanos o esmagam com o dedo polegar logo ao saírem os filhos do ventre materno, pois a formosura se mede entre eles pela chateza do nariz (assim ocorre também na França com os cachorrinhos). Entretanto, afirmam que existe uma certa região do Peru índios com o nariz tão ultrajosamente grandes que nele penduram esmeraldas, turquesas e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

Além disso, os nossos brasileiros pintam muitas vezes o corpo com desenhos de diversas cores e escurecem tanto as coxas e pernas com o suco do jenipapo que ao vê-los de longe pode-se imaginar estarem vestidos com calças de padre. Essa pintura preta do fruto do jenipapo imprime-se de tal maneira na carne que, embora os silvícolas se metam na água e se lavem amiudadamente, dura de dez a doze dias. Usam também crescentes de osso liso, brancos como alabastro, a que dão o nome de jac, lua; e trazem-nos pendentes ao pescoço por meio de cordões de algodão.

Com grande paciência pulam contra um pedaço de grés uma infinidade de pedacinhos da grande concha marinha chamada vinhol; arredondam-nos e os fazem delgados como um dinheiro tornês. Em seguida são furados ao centro e enfiados em cordões como colares; chamam a estes boûre e os enrolam no pescoço como nos países europeus se faz com os cordões de ouro. Parece-me que é a isso que chamam aqui porcelana e as mulheres usam como cintos, alguns de mais de três braças de comprimento e muito bonitos como observei quando chequei em França. Esses selvagens também usam colares de certa espécie de madeira preta muito adequada a esse mister por ser quase tão pesada e luzidia quanto o azeviche.

Além disso criam os nossos americanos grande quantidade de galinhas comuns, cuja raça foi introduzida pelos portugueses. Depenam as brancas e com instrumento de ferro (antes de os terem com peças aguçadas) picam bem miúdo o frouxel e as penas pequenas; depois fervem e tingem de vermelhos com pau-brasil e esfregam o corpo com certa resina apropriada grudam-nos em cima, ficando assim vermelhos e emplumados como pombos recém-nascidos. Isso talvez tenha levado alguns observadores apressados a propalarem o boato de serem os selvagens cabeludos; não o são, entretanto, como acima ficou dito. Já se escreveu que também os cumaneses se untam com certa resina e depois se cobrem de penas de diversas cores, à semelhança do que fazem os tupinambás. Quanto ao ornato da cabeça, além da coroa de frade e da guedelha na nuca a que me referi, os tupinambás amarram penas encarnadas ou de outras cores, tiradas das asas de certas aves, em frontais muito semelhantes aos que costumam as senhoras usar em França, parecendo até que se tenham inspirado nesta invenção, cujo nome entre os selvagens é jempenambi. Também usam nas orelhas ornatos de osso branco quase da mesma forma que os dos rapazes acima descritos. Existe no país uma ave, o tucano,

que tem a plumagem negra como a do corvo, à exceção do papo, de quase quatro dedos de comprimento por três de largura, todo coberto de penas miúdas, amarelas e orladas de preto na parte inferior. Esfolam esse papo, a que denominam tucano como a ave, e depois de seco pregam-no com uma cera chamada iraieti nas faces, abaixo das orelhas de modo que lembram as chapas de cobre usadas nas cambas dos freios dos cavalos.

Quando vão à guerra, ou quando matam com solenidade um prisioneiro para comê-lo, os selvagens brasileiros enfeitam-se com vestes, máscaras, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas ou azuis, de incomparável beleza natural, a fim de mostrar-se mais belos e mais bravos. Muito bem mescladas, combinadas e atadas umas às outras sobre talcas de madeira formam vestuários que parecem de pelúcia e que podem rivalizar com os dos melhores artífices de França. Do mesmo modo enfeitam as guarnições de seu dardos e clavas de madeira, os quais, assim decorados, produzem um efeito deslumbrante.

No preparo de seu vestuário utilizam-se de grandes penas de avestruz, obtidas com seus vizinhos. Isso prova a existência, em alguma região do país, dessas enormes aves; mas não posso dizer que as tenha visto. As plumas, que são pardas, ligam-se pela haste central, ficando soltas as pontas que se encurvam à maneira de uma rosa e formam grandes penachos denominados araroyé, os quais são usados amarrados à cintura por um cordel de algodão. E como a parte larga fica para fora e a estreita junto da carne, parece que, assim adornados, carregam à cinta uma capoeira de frangos. Mais adiante direi como os seus maiores guerreiros, a fim de mostrar valentia e indicar quantos inimigos mataram e quantos prisioneiros comeram, retalham o peito, os braços e as coxas, esfregando as incisões com certo pó preto e indelével; e dir-se-ia que usam calções e jibões suíços riscados.

Para dançar, beber e caunar, o que constitui sua preocupação ordinária, procuram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha d'água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os caroços e colocam no lugar algumas pedrinhas; amarram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem tanto barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais aliás mostram-se muito cobiçosos. Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo de avestruz. Os selvagens os furam no centro como as crianças francesas furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvaziam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam maracá e que faz mais barulho que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão e quando me referir à sua religião direi qual a sua opinião acerca do maracá e da sua sonoridade, sobretudo depois de enfeitados com lindas plumas e empregados em determinada cerimônia.

Eis em suma o que sei com referência à índole, vestuário e ornatos dos nossos tupinambás. Além disso, como trouxemos em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas etc. e mandamos fazer casacos e calções sarapintados para trocá-los com víveres, bugios, papagaios, pau-brasil, algodão, pimenta e outras coisas do país que carregam em geral os nossos navios, vestem eles às vezes calças de marujo, outros somente casacos que lhes chegam às nádegas. Em geral, depois de se contemplar um pouco e passear com a vestimenta, o que não deixava de ser cômico, despiam-se e largavam os trajes em casa até que lhes desse de novo na veneta vesti-los. O mesmo faziam com os chapéus e as camisas.

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveréis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas. Ao lado deles ponde ainda um leito de algodão feito com rede de pescaria e suspensa no ar. E acrescentai o fruto chamado ananás, que mais tarde descreverei e que é um dos melhores da terra.

Esse o aspecto comum dos selvagens. Para imaginá-lo sob outro aspecto, tirai-lhe todos esses adornos, untai-o com resina e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas, com pequenas plumas picadas, à maneira de uma crina pintada de vermelho, e vereis como fica lindo assim, todo coberto de penugem.

Finalmente sob um novo aspecto ainda podemos dizer que, deixando-o seminu, calçado e vestido com as nossas frisas de cores, som uma das mangas verdes e outra amarela, apenas lhe falta o cetro de palhaço.

Acrescentai-lhe agora na mão o maracá, colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado araroyé e ao redor das pernas os guizos feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimônia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

Para dar uma justa idéia dos artifícios, já descritos, de que usam os selvagens para adorar e enfeitar o corpo, seriam necessárias muitas figuras a cores, o que exigiria um livro especial. Todavia, afora o que já disse, ainda os descreverei na guerra, furibundos, a manejarem a clava de madeira, o arco e a flecha.

Entretanto, antes disso vejamos se as suas mulheres e filhas, a quem chamam cunhãs Marias em certos lugares onde os portugueses tomaram pé, andam mais bem ornadas e ataviadas. Já contei, no início deste capítulo, que as mulheres nuas como os homens; devo acrescentar que, como eles, arrancam totalmente os pêlos, inclusive pestanas e sobrancelhas. É verdade que não fazem o mesmo com os cabelos, pois não os tosquiavam na frente nem os aparam na nuca, deixando-os, ao contrário, crescerem à vontade. Mas, tal qual as mulheres de cá, lavam-se cuidadosamente e os penteiam, entrançando-os algumas vezes com cordéis de algodão tintos de vermelho. O mais das vezes, porém, desgrenhadas com os cabelos soltos sobre os ombros.

Diferem também dos homens pelo fato de não furarem os lábios nem as faces, não usando, por conseguinte, pedras no rosto. Mas furam de um modo horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas e quando as retiram podem facilmente meter os dedos nos buracos. Esses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela de sebo meã, à qual chamam vinho; e quando se penteiam, os penduricalhos caem-lhe sobre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro.

Quanto ao rosto, eis como o embelezam. Com um pequeno pincel traçam uma roda no centro da face e a prolongam em espiral, azul, amarela ou verde, mosqueando e sarapintando o rosto inteiro. Também pintam as sobrancelhas e pálpebras como o fazem, ao que se diz, as mulheres impudicas de França.

Fabricam braceletes de quase pé e meio, só comparáveis aos que usamos no jogo da péla. São eles compostos de várias peças de osso branco, talhados à maneira de grossas escamas e reunidas muito habilmente umas às outras com ceras e resinas colantes. Também usam colares brancos chamados boyra mas não no pescoço como os homens, porém enrolados no braço. Por isso achavam lindas as pequenas contas multicores de vidro que havíamos levado em grande quantidade para traficar; chamavam-nas moruhi e com elas faziam colares. Quando iam a suas aldeias ou vinham elas ao nosso fortim, apresentavam-nos frutas e outros produtos da terra propondo trocá-los por tais miçangas e nos lisonjeavam dizendo: Mair, deagotoren amabé morubi, o que quer dizer: francês, tu és bom, dá-me os braceletes de conta de vidro. O mesmo faziam para obter pentes, a

que chamavam guyap ou kyap, espelhos que denominavam aruá e outras mercadorias que lhes agradavam.

Mas o que mais no maravilhava nesses brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrissem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes lhes dêssemos vestidos de chita e camisas. Os homens, como já dissemos, ainda se vestiam por vezes mas elas não queriam nada sobre o corpo e creio que não mudaram de idéia. Em verdade, alegavam, para justificar sua nudez, que não podiam dispensar os banhos e lhes era difícil despir-se tão amiúde, pois em quanta fonte ou rio encontravam, metiam-se n'água, molhavam a cabeça e mergulhavam o corpo como caniços, não raro mais de doze vezes por dia. Suas razões eram plausíveis e quaisquer esforços para convencê-las do contrário foram aliás inúteis. E tão forte era esse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só se obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as próprias prisioneiras de guerra, que compráramos, e conservávamos no forte para trabalhar; embora as cobríssemos a força, despiam-se às escondidas ao cair da noite e passeavam nus pela ilha, por mero prazer. E se não fossem obrigadas a chicote, preferiam sofrer o calor do sol e esfolar o corpo na condução contínua de terra e pedras a suportar sobre a pele o mais simples objeto.

Eis em resumo os adornos, anéis e jóias comuns às mulheres americanas. Quando adiante tratar do casamento dos selvagens, direi como se vestem os filhos na infância. Tinha eu grande prazer em ver os meninos acima de três ou quatro anos, a que chamam curumimirim gorduchos e mais fornidos que os meninos europeus e já enfeitados com suas arrecadas de osso nos beijos furados e com os cabelos tosquiados a seu modo. Tinham não raro o corpo pintado e nunca deixavam de vir dançar diante de nós, em grupos, quando nos viam chegar às suas aldeias. Rodeavam-nos, na esperança de uma recompensa, afagando-nos e pedindo repetidamente na sua gíria: *cutuassá amabé pindá* (meu amigo aliado, dá-me anzóis para pescar). E se para satisfazer o pedido, como o fiz muitas vezes, fincávamos na arei ou na terra, dez a doze anzóis pequenos, era de ver-se com que rapidez a turba de fedelhos nus se lançava ao solo e esgaravatava como láparos de coelheira. Durante um ano que passei nesse país, contemplei com curiosidade adultos e crianças e quando me recordo agora desses garotos parece-me tê-los diante dos olhos; mas não se me afigura possível descrevê-los com exatidão nem pintá-los com fidelidade. É preciso vê-los em seu país. Em verdade é a viagem bem longa e difícil, por isso quem não tiver bom olho e bom pé ou se sentir temeroso de tropeços, que não se arrisque. Veremos ainda, oportunamente, como são as casas, utensílios domésticos e outros costumes dos selvagens.

Antes porém de encerrar este capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese às opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nus, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebitos, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhos, sobressaias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fariam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura. Se a decência me permite dizer mais, tenho certeza de que responderia a quaisquer objeções com vantagem. Limito-me a apelar para os que estiveram no Brasil e como eu viram essas coisas.

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo.

XV

De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los.

Resta saber agora como são tratados os prisioneiros. Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados mas ainda lhes concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe todas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras conservam-nos durante certo tempo; depois de os engordarem matam-nos afinal e os devoram em obediência ao seguinte cerimonial.

Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens, mulheres e meninos. Dançam então o *cauinam*. O próprio prisioneiro, apesar de não ignorar que a assembléia se reúne para seu sacrifício dentro de poucas horas, longe de mostrar-se pesaroso enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas. Depois de Ter comido e cantado durante seis ou sete horas com os outros, é ele agarrado por dois ou três dos personagens mais importantes do bando e sem que oponha a menos resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão ou de fibra de uma árvore a que chamam *vyire*, semelhante à nossa tília. Deixam-lhe os braços livres e o fazem passear assim pela aldeia, em procissão, durante alguns momentos.

Não se imagine porém que o prisioneiro com isso se deprima. Ao contrário, com audácia e incrível segurança jacta-se das suas proezas passadas e diz aos que o mantêm amarrado: "Também eu, valente que sou, já amarrei e matei vossos maiores".

Cada vez mais feroz volta-se para ambos os lados exclamando para uns e outros: "Comi teu pai, matei e moqueei a teus irmãos; comi tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes os nomes; e ficai certos de que para vingar a minha morte os maracajás da nação a que pertenço hão de comer ainda tantos de vós quantos possam agarrar".

Em seguida, após ter estado assim exposto às vistas de todos, os dois selvagens que o conservam amarrado afastam-se dele umas três braças de ambos os lados e esticam fortemente as cordas de modo a que o prisioneiro fique imobilizado. Trazem-lhe então pedras e cacos de potes; e os dois guardas, receosos de serem feridos, protegem-se com rodela de couro de tapirucu e dizem-lhe: "Vinga-te, antes de morreres". Começa o prisioneiro a atirar projéteis com todas as suas forças contra os que ali se reúnem em torno dele, algumas vezes em número de três ou quatro mil. E é desnecessário dizer que não escolhe suas vítimas.

Com efeito, estando eu numa aldeia chamada Sariguá, vi um prisioneiro lançar uma pedra com tanta violência na perna de uma mulher que supus havê-la quebrado. Esgotadas as provisões de pedras e cacos e de tudo que o prisioneiro pode apanhar junto de si, o guerreiro designado para dar o golpe, e que permanecera longe da festa, sai de sua casa, ricamente enfeitado com lindas plumas, barrete e outros adornos; e armado de um enorme tacape aproxima-se do prisioneiro e lhe dirige as seguintes palavras: "Não és tu da nação dos maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e devorado aos nossos pais e amigos?"

O prisioneiro mais altivo do que nunca, responde no seu idioma (margaiás e tupiniquins se entendem reciprocamente) "pa, che tan tan ajucá atupavé"— "Sim, sou muito valente e realmente matei e comi muitos".

Em seguida, para excitar ainda mais a indignação do inimigo, leva as mãos à cabeça e exclama: "Eu não estou a fingir, fui com efeito valente e assaltei e venci os vossos pais e comi". E assim continua até que seu adversário, prestes a matá-lo, exclama: "Agora estás em nosso poder e serás

morto por mim e moqueado e devorado por todos". Mas tão resoluto quanto Atilio Régulo ao morrer pela República Romana, a vítima ainda responde: "Meus parentes me vingarão".

Embora os selvagens tenham a morte natural, os prisioneiros julgam-se felizes por morrerem assim publicamente no meio de seus inimigos, não revelando nunca o mínimo pesar como se verá do exemplo seguinte.

Achando-me certo dia em uma aldeia da grande ilha chamada Piraniju deparei com uma mulher prisioneira prestes a ser morta pelo modo por que descrevi. Aproximei-me e disse-lhe que se recomendasse a Tupã, o que não quer dizer Deus entre eles mas sim trovão. Eu me adaptava ao seu falar e lhe disse que orasse como eu orasse como eu lhe ia ensinar. Em resposta ela meneou a cabeça e motejando: "O que me darás para que eu faça o que dizes?" — "Pobre coitada, repliquei, já não precisas de nada neste mundo, mas como crês na alma imortal (o que os selvagens confessam como direi adiante) pensa no que lhe vai suceder depois de tua morte". Mas ela riu-se de novo e foi morta de acordo com o ritual.

Voltando ao assunto direi que o colóquio continua, falando muitas vezes vítima e algoz. O selvagem encarregado da execução levanta então o tapape com ambas as mãos e desfeca tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto sem sequer mover braço ou perna. E dir-se-ia um magarefe abatendo um boi. Em verdade muitas vezes as vítimas estrebucham no chão, mas isso por causa do sangue e dos nervos que se contraem. O executor costuma bater com tal destreza na testa ou na nuca que não se faz necessário repetir o golpe e nem a vítima perde muito sangue.

É comum dizer-se nesse país: Quebro-te a cabeça e os franceses empregavam habitualmente essa frase em substituição do Je te creverai que os nossos soldados e os nossos rixentos costumam usar.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto; digo propositadamente curto pranto porque essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno. Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carneiro de nossa terra ao esartejar um carneiro. E então, incrível crueldade, assim como os nossos caçadores jogam carniça aos cães para torná-los mais ferozes, esses selvagens pegam os filhos uns após outros e lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas com o sangue inimigo a fim de torná-los mais valentes.

Depois da chegada dos cristãos a esse país, principiaram os selvagens a cortar e retalhar o corpo dos prisioneiros, animais e outras presas com facas e ferramentas dadas pelos estrangeiros, o que faziam antes com pedras aguçadas como me foi dito por um ancião.

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moqué, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorre pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: iguatu, o que quer dizer "está muito bom".

Eis como os selvagens moqueiam a carne dos prisioneiros de guerra, processo de assar que nos é desconhecido. Quanto à forma do moqué, lembro aos leitores que já expliquei no capítulo X. Limitar-me-ei a refutar o erro daqueles que, como se pode ver de seus mapas universais, não somente nos representam os selvagens do Brasil assando carne humana em espetos como fazemos com a de carneiro e outras, mas ainda no-los pintaram a cortá-la sobre bancas, com grande cutelos, como entre nós os carneiros fazem com a carne de vaca. Em verdade tais fantasias são tão verdadeiras quanto a história que conta Rabelais a respeito de Panurge, o qual teria escapulado do espeto lardeado e semicozido. Quem tais coisas escreveu dos selvagens do Brasil era pessoa ignorante do assunto que tratava. Tanto os brasileiros desconheciam o nosso modo de assar que certo dia ao nos verem em uma aldeia assando aves no espeto zombaram de nós e se recusaram a acreditar que uma ave assim continuamente volteada viesse a cozer, só o admitindo afinal pela comprovação do fato.

Quando a carne do prisioneiro, ou dos prisioneiros, pois às vezes matam dois ou três num só dia, está bem cozida, todos os que assistem ao fúnebre sacrifício se reúnem em torno dos moquês, contemplando-os com ferozes esgares; e por maior que seja o número de convidados nenhum dali sai sem o seu pedaço. Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança, salvo no que diz respeito às velhas, como já observei. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção porém dos miolos, em que não tocam.

As caveiras conservam-nas os nossos tupinambás em tulhas nas aldeias, como conservamos nos cemitérios os restos dos finados. E a primeira coisa que fazem quando os franceses os vão visitar é contar-lhes as suas proezas e mostrar-lhes esses troféus descarnados, dizendo que o mesmo farão a todos os seus inimigos. Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para fazer flautas e pifanos, e os dentes para seus colares, como já expliquei no precedente capítulo. O autor da História geral das Índias refere que os habitantes da ilha de Zamba pregam às portas de suas casas as cabeças das vítimas que mataram e sacrificaram e também usam os dentes delas pendurados no pescoço.

Os executores desses sacrifícios humanos reputam o seu ato grandemente honroso; depois de praticada a façanha retiram-se em suas choças e fazem no peito, nos braços, nas coxas e na barriga das pernas sangrentas incisões. E para que perdurem toda a vida, esfregam-nas com um pó negro que as torna indeléveis. O número de incisões indica o número de vítimas sacrificadas e lhes aumenta a consideração dos companheiros. E se após essa horrível tragédia a mulher concedida ao prisioneiro engravida, os matadores do pai, alegando que o filho procede da semente inimiga, cometem o ato incrível de comê-lo ao nascer ou, se lhes apraz melhor, quando já taludinho. Mas esses bárbaros não só se deleitam no extermínio de seus inimigos, mas ainda exultam vendo os seus aliados europeus fazerem o mesmo. Por isso, quando nos convidavam a compartilhar seus banquetes, duvidavam de nossa lealdade se o recusávamos, o que sempre nos aconteceu, a mim e a outros, que graças a Deus não esquecemos a nossa crença. Com pesar sou, porém, forçado a reconhecer aqui que alguns intérpretes normandos, residentes há vários anos no país, tanto se adaptaram aos costumes bestiais dos selvagens que, vivendo como ateus, não só se poluíam em toda espécie de impudícias com as mulheres selvagens mas ainda excediam os nativos em desumanidade, vangloriando-se mesmo de haver morto e comido prisioneiros. E conheci um rapazote de treze anos que já copulava com mulheres.

Continuemos entretanto a descrever a crueldade dos nossos tupinambás para com seus inimigos. Durante a nossa estada no Brasil aconteceu-lhes lembrarem-se de que na Ilha Grande, de que já falei, residia um grupo de margaiás que, no começo da guerra, isto é, cerca de vinte anos antes, se rendera aos nossos aliados tendo sido deixado em paz. Entretanto, certa vez, após beberem cauím os tupinambás, muito excitados, resolveram saqueá-los, alegando tratar-se de descendentes de inimigos mortais. Para lá se dirigiram à noite, apanhando a pobre gente desprevenida, e tal carnificina fizeram que causava dó clamarem as vítimas. Avisados, já quase à meia-noite, alguns franceses bem armados embarcaram às pressas para a dita aldeia que distava quatro ou cinco léguas de nosso fortim. Antes de chegarem, porém, já tudo se consumara. Enfurecidos e encarniçados os nossos selvagens já haviam incendiado as choças para desalojar os moradores e a muitos já haviam morto. Segundo me foi dito só se viam homens e mulheres esposteados nos moquês e até crianças de peito assadas inteiras. Valendo-se da escuridão da noite, alguns indivíduos mais

corajosos se lançaram ao mar e escaparam a nado, vindo asilar-se em nossa ilha. Souberam-no os tupinambás e se mostraram descontentes com o fato de abrigarmos esses infelizes e, para acalmá-los, foi preciso não só muita energia como donativos em mercadorias. Deixaram-nos finalmente conosco como escravos.

Doutra feita eu e mais quatro ou cinco franceses encontramos em uma aldeia dessa mesma Ilha Grande, chamada Piraniju, um prisioneiro belo e robusto, metidos em ferros adquiridos pelos selvagens aos cristãos. Aproximando-se de nós, disse-nos em português (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o compreenderam) que estivera em Portugal, era cristão e se chamava Antônio. Embora margaiá, sua estada em outro país lhe fizera perder o barbarismo e, por isso, desejava que o libertássemos das mãos de seus inimigos. Era nosso dever salvá-lo, tanto mais quanto nos moviam à compaixão a sua qualidade de cristão e o seu nome Antônio. Um companheiro nosso que entendia o espanhol e era serralheiro de profissão disse-lhe que na manhã seguinte lhe traria uma lima para limar os ferros. Que se escondesse em seguida em certas moitas perto da praia, enquanto distraíssemos os seus algozes, e lá esperasse que a nossa barca, de regresso, o pudesse tomar. E depois combinaríamos com os seus detentores um modo de conservá-lo no nosso fortim. Satisfeitíssimo e agradecido, o pobre moço prometeu fazer tudo o que lhe aconselhávamos. A turba dos selvagens, porém, embora não compreendesse o que dizíamos, desconfiou de que lhe queríamos arrancar das mãos o prisioneiro e apenas deixamos a aldeia chamaram os vizinhos mais próximos e sacrificaram o coitado. E quando, no dia seguinte, a pretexto de buscar farinha e outros víveres, voltamos à aldeia com a lima e perguntamos pelo prisioneiro, levaram-nos os tupinambás a uma casa onde vimos os pedaços do pobre Antônio postos no moquém; e como sabiam que nos tinham enganado mostravam-nos a cabeça com grandes gargalhadas.

Certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois portugueses em um casebre de barro em que viviam, dentro da mata, próximo à fortaleza chamada Morpion. Defenderam-se os assaltados valentemente desde a manhã até à tarde e depois de esgotadas as munições de arcabuz e as setas das bestas, saíram com espadas de duas mãos e ainda mataram e feriram muitos dos assaltantes; mas os selvagens queriam pegá-los vivos e o conseguiram afinal, levando-os prisioneiros, e de seus despojos vendeu-me um selvagem algumas vestimentas de couro, tendo também um dos intérpretes trocado por duas facas apenas uma salva de prata cujo valor os assaltantes ignoravam.

Na aldeia os selvagens arrancaram as barbas aos dois portugueses e depois os mataram cruelmente. E como esses pobres homens assim flagelados se lamentassem, os bárbaros vencedores, zombando, perguntavam: — “Como depois de vos terdes tão valentemente defendido mostrai menos coragem do que mulheres, agora que deveis morrer com honra?” Poderia aduzir outros exemplos da crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror. É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós. Em boa e sã consciência tenho que excedem em crueldade aos selvagens os nossos usurários, que, sugando o sangue e o tutano, comem vivos viúvas, órfãos e mais criaturas miseráveis, que prefeririam sem dúvida morrer de uma vez a definhar assim lentamente. Por isso deles disse o profeta que esfolam a pele, comem a carne e quebram os ossos do povo de Deus. Entretanto, mesmo não falando por metáforas, não encontramos aqui, nem na Itália e alhures, pessoas, condecoradas com o título de cristãos, que não satisfeitas com trucidar seu inimigo ainda lhes devoram fígado e coração? E que vimos em França durante a sangrenta tragédia iniciada a 24 de agosto de 1572? Sou francês e pesa-me dizê-lo. Entre outros atos de horrenda recordação não foi a gordura das vítimas trucidadas em Lyon, muito mais barbaramente do que pelos selvagens, publicamente vendida em leilão e adjudicada ao maior lançador? O fígado e o coração e outras partes do corpo de alguns indivíduos não foram comidos por furiosos assassinos de que se horrorizam os infernos? Depois de miseravelmente morto não picaram o coração a Coeur de Roi, confessor da religião reformada em Auxerre, não lhe puseram os pedaços à venda e não os comeram afinal, para saciar a raiva, como mastins? Milhares de testemunhas desses horrores, nunca dantes vistos em qualquer povo, ainda vivem, e livros já impressos o atestam à posteridade.

Depois dessa horrível carnificina, alguém cujo nome declaro ignorar, reconhecendo que crueldade ultrapassava todos os limites, compôs os seguintes versos:

Riez Pharaon
Achab, Néron Herodes aussi;
Votre barbarie
Est ensevelie
Par ce fait ici.

Não abominemos portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aquelas que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas.

XVII

Do casamento, poligamia e graus de parentesco entre os selvagens bem como o modo de tratar os filhos

Devo dizer com relação ao casamento dos nossos americanos que eles observam tão-somente três graus de parentesco; ninguém toma por esposa a própria mãe, a irmã ou filha, mas o tio casa com a sobrinha e em todos os demais graus de parentesco não existe impedimento. A cerimônia matrimonial é a seguinte: quem quer ter mulher, seja viúva ou donzela, indaga de sua vontade e em seguida dirige-se ao pai ou na falta deste ao parente mais próximo, para pedi-la em casamento. Se lhe respondem afirmativamente leva consigo a noiva como legítima mulher sem que se lavre nenhum contrato. Se porém recebe um não o pretendente desterra-se sem se sentir humilhado.

Note-se que sendo a poligamia permitida podem os homens ter quantas mulheres que lhes apraz e quanto maior o número de esposas mais valentes são considerados, o que transforma portanto o vício em virtude. Vi alguns com oito mulheres, cuja enumeração era feita com a intenção de homenageá-los. O que me parece admirável é que havendo sempre uma, entre elas, mais amada do marido, não se revoltam as outras e nem sequer demonstrem ciúmes; vivem em paz, ocupadas no arranjo das casas, em tecer redes, limpar horta e plantar suas raízes. E deixo aos meus leitores considerarem se, ainda que não fosse proibido por Deus Ter mais que uma mulher, se acomodariam as européias com esse regime matrimonial. Melhor seria condenar um homem às galés do que metê-lo no meio de tanta intriga e ciumeira; acontecer-lhe-ia sem dúvida o que ocorreu a Jacó por ter tomado por esposa a Lia e Raquel, não obstante serem irmãs. Como poderiam as nossas damas viver unidas se o simples preceito, imposto por Deus à mulher, de ajudar e socorrer ao marido, já as torna o demônio familiar das próprias casas? Minha censura entretanto não visa àquelas que fazem o contrário e obedecem como de direito aos seus maridos; embora não façam mais do que cumprir o seu dever, eu as julgo tão dignas de louvor quanto as outras merecedoras de vitupérios.

Voltando ao casamento dos nossos americanos, devo dizer que o adultério feminino lhes causa tal horror que o homem enganado pode repudiar a mulher faltosa, despedi-la ignominiosamente ou mesmo matá-la regendo-se pela lei natural. É certo que antes de casá-las os pais não hesitam em prostituí-las a qualquer varão. Antes de nossa chegada ao Brasil os intérpretes normandos abusavam das raparigas em muitas aldeias, mas nem por isso elas ficavam difamadas e quando se casavam procuravam não mais claudicar, de medo de serem mortas ou repudiadas como já disse. Direi mais que apesar do clima da região em que habitam e não obstante serem orientais, nem os mancebos nem as donzelas núbeis da terra se entregam à devassidão como fora de supor; e prouvera a Deus que o mesmo acontecesse por aqui. Todavia, para não apresentá-los melhores do

que são, direi que quando se disputam se insultam de tivira, o que quer dizer sodomita. Isso me leva a crer, embora não o possa afirmar, que entre eles existe esse abominável vício.

Mesmo grávida a mulher não deixa de cuidar de seu trabalho cotidiano e apenas evita carregar fardos pesados. Na verdade as mulheres dos nossos tupinambás trabalham muito mais do que os homens, pois estes, à exceção de roçar o mato para as suas culturas, o que fazem sempre de manhã exclusivamente, nada mais lhes importa a não ser a guerra, a caça e a pesca e a fabricação de tacapes, arcos, flechas e adornos de penas para enfeites.

Quanto ao parto, eis o que presenciei. Pernoitando com outro francês em uma aldeia, certa ocasião, ouvimos, quase à meia-noite, gritos de mulher, e pensamos que estivesse sendo atacada pelo jaguar, essa fera carniceira que já descrevi. Acudimos imediatamente e verificamos que se tratava apenas de uma mulher em horas de parto. O pai recebeu a criança nos braços, depois de cortar com os dentes o cordão umbilical e amarrá-lo. Em seguida, continuando no seu ofício de parteira, esmagou com o polegar o nariz do filho, como é de praxe entre os selvagens do país. Note-se que as nossas parteiras, ao contrário, apertam o nariz aos recém-nascidos para dar maior beleza afinando-o. Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rede de algodão. Se é macho dá-lhe logo um pequenino tacape e um arco miúdo com flechas curtas de penas de papagaio; depois de colocar tudo isso junto ao menino, beija-o risonho e diz: "Meu filho, quando cresceres serás destro nas armas, forte, valente e belicoso para te vingares dos teus inimigos".

Quanto ao nome, o pai da criança que eu vi nascer o denominou oropacan, isto é, "arco e corda", pois a palavra se compõe de oropá (arco) e can (corda). Tal como fazemos com os nossos cachorros e outros animais, dão eles às crianças nomes de coisas ou bichos; assim sarigüé quer dizer quadrúpede, arinhan, galinha, arabutan, pau-brasil, pindoba, certa árvore florida, etc.

A alimentação da criança consiste em certas farinhas mastigadas e carnes tenras juntamente com o leite materno; a mãe fica de resguardo um dia ou dois; em seguida pendura o filho no pescoço por uma cinta de algodão e vai tratar da horta como de costume. Não digo isso com o fito de censurar as nossas mulheres que, por causa dos maus ares do país, guardam o leite de quinze dias a três semanas e são tão delicadas que embora nada as impeça de amamentar os filhos, como as mulheres americanas, cometem a desumanidade de entregá-los a pessoas estranhas mandando-os para longe, onde muitas vezes morrem sem que o saibam as mães, as quais só os querem junto de quando, já bem grandinhos, podem diverti-las. E se alguma dessas melindrosas julgar que a ofendo comparando-a com as mulheres selvagens cujo trato rural (como poderão alegar) nada tem de semelhante ao seu corpo franzino e delicado, dir-lhe-ei para adoçar o amargor da censura, que todos os animais a começar pelos passarinhos ensinam essa lição e revelam o cuidado que têm em criar seus filhos. E a fim de evitar quaisquer outras objeções possíveis, direi ainda que tais damas não serão mais delicadas de corpo do que outrora certa rainha de França, a qual ao saber que seu filho mamara em outra mulher ficou tão enciumada que só teve sossego depois de fazer a criança vomitar o leite estranho.

Voltando ao assunto, cumpre-me observar que na Europa consideramos, em geral, que se as crianças não forem bem apertadas em sua primeira infância, e bem enfaixadas, terão pernas tortas ou ficarão aleijadas. Isso não se verifica em absoluto com os filhos dos nossos americanos; desde cedo se conservam sem faixas de pé ou deitados e não há por certo crianças mais desempenadas do que essas no andar.

Admitindo entretanto que em parte isso se deva à temperatura e à benignidade do clima desse país, concordo em que no inverno conservemos os meninos enroupados, bem cobertos e aconchegados em seus berços, pois do contrário não resistiriam ao clima. Mas no verão e nas estações temperadas parece, pela experiência que tenho, que melhor seria deixá-los espemearem à vontade em leitos de que não pudessem sair. Com efeito, creio que muito prejudica a essas pequenas e tenras criaturas ficarem constantemente aquecidas e semi-assadas nesses cueiros que servem tanto no inverno como no verão. Todavia, a fim de que não se diga que estou a meter-me no que não é da minha conta, deixo aos pais e amas de nossa terra que governem os filhos como bem entendam. Acrescentarei entretanto que embora as mulheres desse país não tenham fraldas para limpar o traseiro dos filhos e que nem sequer se sirvam de folhas de árvores, que possuem em abundância, são tão caprichosas que com pauzinhos em forma de pequenas cavilhas os limpam com muito asseio; e tão bem o fazem que jamais os vereis emporcalhados.

Já que estou a discorrer sobre essa matéria suja, direi ainda que os meninos selvagens, depois de crescidos, urinam em geral no meio das casas e se estas não exalam mau cheiro isso se deve ao fato de serem areadas e às fogueiras que acendem por toda parte; quanto aos excrementos, costumam as crianças deitá-los longe das casas.

Os selvagens cuidam de todos os filhos, aliás numerosos, embora entre os brasileiros não se encontre nenhum pai com seiscentos como se escreveu de um rei das Molucas, o que reputo realmente prodigioso. Os filhos varões são mais estimados do que as fêmeas por causa da guerra, pois entre os selvagens só os homens combatem e só a eles cabe a vingança contra o inimigo.

Se me perguntarem ainda o que ensinam os selvagens aos filhos, quando grandes, responderei que nos capítulos VIII, XIV e XV e noutros trechos desta narrativa já me referi à índole guerreira dessa gente e a seus costumes em relação aos seus inimigos. Como é fácil de imaginar, não possuem colégios nem escolas de ciências ou artes liberais; a ocupação ordinária de todos, grandes e pequenos, é a caça e a guerra, no que se mostram verdadeiros sucessores de Lamech, Nemrod e Essau; mas também se ocupam em matar e comer gente.

Ainda com relação ao casamento dos tupinambás, afirmarei, dentro da possível decência, que, ao contrário do que se imagina, os homens conservam sua honestidade natural e nunca copulam com suas mulheres em público, no que se mostram bem superiores ao filósofo cínico que, apanhado em flagrante, não se envergonhou e disse apenas que estava plantando um homem. Também são incomparavelmente mais infames do que os nossos selvagens esses bodes fedorentos que em nossos dias não se ocultam para praticar as suas obscenidades.

Permanecemos quase um ano nesse país, visitando amiúde os selvagens e suas aldeias, mas nunca percebemos nas mulheres sinais de menstruação. Penso que os afastam ou empregam modos de sangrar diversos das européias, pois vi meninas de doze a quatorze anos cujas mães ou parentas as punham de pés juntos sobre uma pedra e com um dente afiado de animal lhes faziam incisões no corpo desde o sovaco até as coxas e o Joelhos; e as raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo. Creio que procedem deste modo desde o início para que não lhes vejam as impurezas.

Se me objetarem os médicos, ou outros mais sábios do que eu em tais matérias, que não podem ser tão prolíficas as mulheres casadas, como disse que eram, já que sem menstruação não é possível conceber nem procriar, responderei que não é minha intenção resolver o problema nem discuti-lo.

No fim do capítulo VIII refutei o que escreveram alguns acerca da nudez das mulheres selvagens, alegando que desse modo excitam mais os homens à concupiscência do que vestidas; também aí e noutros trechos me referi à alimentação e aos costumes dos meninos americanos; portanto, o leitor que desejar maiores informações a esse respeito recorrerá a esse capítulo.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Lista de colonos

Listagem oficial

Família 1: Jorge Godofredo Engele, 37 anos, casado, mestre-escola, protestante, Württemberg Margarida, sua mulher, 34 anos, Catarina, 3 anos, Jorge Miguel, 2 anos.

Família 2: Godofredo Gebert, 42 anos, casado, alf., prot. Würt, Cristina, sua 2ª mulher, 42 anos

Sofia Carolina, filha do 1º matrimônio, 14 anos, Henrique, idem, 10 anos, Sofia, 8 anos

Madalena, filha do 2º matrimônio, 15 anos, Miguel, idem, 2 anos, Frederico Ewerard, 5 sem., nascido no mar, em. 21 -V -26.

Família 3: (Ficou no Rio de Janeiro).

Família 4: José Weber, 36 anos, casado, oleiro, cat., Würt, Ana Maria; sua mulher, 37 anos, André, filho, 14 anos, Madalena, 12 anos, Bárbara, 8 anos, Mariana, 4 anos, Ana Cristina, 4 anos, Crescêncio, 11/2 ano.

Família 5: Francisco Schield, 39 anos, cas., fer., cat., Prússia, Izabel, sua mulher, 31 anos, Jacob, filho, 6 anos, Bárbara., 5 anos, Madalena, 3 anos, Margarida, 1 ano.

Família 6: Francisco José Salzein, 40 anos, casado, carpinteiro, católico, Württemberg,

Margarida, sua mulher, 44 anos, Barbara Heiligenthal, filha do 1º matrimônio da mulher, 18 anos, João, filho do casal, 13 anos, Jose Francisco, 6 anos.

Família 7: Jacob Eckhardt, 46 anos, casado, sap., cat., Würt., Margarida, sua mulher, 43 anos, Margarida, filha, 18 anos, solteira, José, 12 anos, Dorotea, 8 anos, Mariana, 5 anos.

Família 8: João Jorge Raupp, 44 anos, cas., lav., cat., Würt., Apolônia, 42 anos, Francisco, filho, 10 anos, André, 5 anos, Julião, 3 anos.

Família 9: José Raupp, 46 anos, casado, lav., católico, Würt., Cristina, sua mulher, 31 anos, Ana Maria, filha, 9 anos, Daniel, 6 anos, Maria Cristina, 2 anos, José Weber, sogro do chefe, 61 anos, viúvo, oleiro, católico, Würt.

Família 10: João Model, 33 anos, casado, lav. católico, Würt, Mariana, sua mulher, 27 anos, Anna Bárbara, filha, 2 anos, Ana Maria Bozel, 34 anos, cunhada do chefe, solt.

Família 11: Francisco Lippert, 40 anos, cas., sap., prot. Prus., Francisca, sua mulher, 30 anos, Jacob, filho, 11 anos, Marília, 9 anos, Catarina, 7 anos, Nicolau, 4 anos, Margarida, 2 anos

Família 12: Catarina Bárbara Gretschrnann, 33 anos, solteira, prot.. Würt. (Casou no Rio com um soldado do batalhão 27º Caçadores), Joana Rosita, filha, 5 anos.

Família 13: Ana Margarida Kern, 48 anos, cas., prot., Würt., Helena Bárbara, filha, 15 anos, solteira, Ana Margarida, 13 anos, Henrique Carros, 10 anos, Anna Bárbara, 7 anos.

AVULSOS

Conrado Cristiano Meyer, 25 anos, solteiro, ecônomo, prot., Hanover.

Adolfo Schroder, 40 anos, solt., católico, Bremen.

João Jorge Rheinhardt, 28 anos, lav., prot. Würt.

João Sebastião Diez, 25 a., solt., padeiro, Würt.

Adão Nicolau Oreans, 35 anos, ecônomo, cat., Bade.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

O preço da liberdade

Artigo de revista

Em 8 de novembro de 1799, quatro homens foram enforcados e esquartejados em praça pública na cidade de Salvador. Condenados por conspirarem contra a Coroa de Portugal, os alfaiates João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino dos Santos Lira, e os soldados Lucas Dantas de Amorim Torres e Luiz Gonzaga das Virgens e Veiga participaram do movimento que ficou conhecido como Conjuração Baiana, ou Conjuração dos Alfaiates. Era o fim de um processo deflagrado no ano anterior, quando em 12 de agosto, a população de Salvador fora convocada, por panfletos afixados em locais públicos da cidade, para uma "revolução" que instituiria uma "república democrática" no Brasil. A documentação sugere que a composição social da Conjuração Baiana de 1798 ficou circunscrita às médias e baixas camadas daquela sociedade desde os primeiros momentos do inquérito. No entanto, denúncias sobre a participação de homens ricos e poderosos no movimento chegaram a Lisboa, mas não foram adiante. Os homens de posses ofereceram à Justiça alguns de seus escravos, como se eles fossem, junto com outros suspeitos já arrolados, os únicos participantes da conspiração, permitindo que seus senhores saíssem ilesos da investigação. Estavam envolvidos senhores de engenho, negociantes, autoridades locais. O que surpreende é que até hoje o movimento seja conhecido como a "mais popular das revoltas" do fim do século XVIII, apesar dos depoimentos dos cativos denunciarem a participação de homens de "consideração".

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Artigo da revista Anauê (1935)

Artigo de revista

“Salve Pátria!

Mãe de heroísmos, vida, força, esplendor, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os humildes soldados de vossa grandeza, e a vos suspiramos, gemendo e sonhando nesta hora de combate. Ela, pois, advogada do nosso passado, a nós volvei, perpetuamente, os exemplos dos nossos mortos e depois da batalha, conservai-nos puros ante vossa presença augusta.

Bendito seja o fruto da vossa história. Oh nobre! Oh altiva! Oh sempre gloriosa Pátria, mantem-nos fiéis ao espírito e a Terra do Brasil, para que possamos viver em vosso serviço e morrer defendendo as cores sagradas de vossa BANDEIRA IMORTAL!”

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Cartaz integralista

Cartaz



Documento da 3ª Fase

Ver todos os documentos

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Trecho de "Cultura e opulência do Brasil"

Trecho de livro

"A sede insaciável do ouro estimulou a tantos deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas, que dificilmente se poderá dar conta do número das pessoas que atualmente lá estão. Contudo, os que assistiram nela nestes últimos anos por largo tempo, e as correram todas, dizem que mais de trinta mil almas se ocupam, umas a catar, e outras a mandar catar nos ribeiros do ouro, e outras a negociar, vendendo e comprando o que se há mister não só para a vida, mas para o regalo, mais que nos portos do mar.

Cada ano, vêm nas frotas quantidade de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil, vão brancos, pardos e pretos, e muitos índios, de que os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares e clérigos, e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil convento nem casa."

link para o texto completo: [A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo](#)

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Trecho do texto "Falso moralismo"

Artigo de revista

"A corrupção não poupou a ditadura militar brasileira porque estava representada na própria natureza desse regime. Estava inscrita em sua estrutura de poder e no princípio de funcionamento de seu governo. Numa ditadura onde a lei degradou em arbítrio e o corpo político foi esvaziado de seu significado público, não cabia regra capaz de impedir a desmedida: havia privilégios, apropriação privada do que seria o bem público, impunidade e excessos.

A corrupção se inscreve na natureza do regime militar também na sua associação com a tortura – o máximo de corrupção de nossa natureza humana. (...)

Ao se materializar sob a forma de política de Estado durante a ditadura, em especial entre 1969 e 1977, a tortura se tornou inseparável da corrupção. Uma se sustentava na outra. O regime militar elevou o torturador à condição de intocável: promoções convencionais, gratificações salariais e até recompensa pública foram garantidas aos integrantes do aparelho de repressão política. Caso exemplar: a concessão da Medalha do Pacificador ao delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979)."

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Sugestões de leituras sobre a ditadura

Livros e sites

Sugestão de leitura:

Luis Fernando Veríssimo. A mancha. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, coleção Vozes do Golpe.

Memorial da resistência. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Uma nuvem que cresce cada vez mais

Gravura

Documento da 3ª Fase

Ver todos os documentos



Uma nuvem que cresce cada vez mais.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Getúlio e Roosevelt

Ilustração



Documento da 3ª Fase

Ver todos os documentos

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Trecho de “Brás, Bexiga e Barra Funda”

Texto literário

“No começo a arrogância indígena perguntou meio zangada:

Carcamano pé-de-chumbo

Calcanhar de frigideira

Quem te deu a confiança

De casar com brasileira?

O pé-de-chumbo poderia responder tirando o cachimbo da boca e cuspiendo de lado: ‘A brasileira, per bacco’. Mas não disse nada. Adaptou-se.

Trabalhou. Integrou-se. Prosperou.

E o negro violeiro cantou assim:

Italiano grita

Brasileiro fala

Viva o Brasil

E a bandeira da Itália!”

Indicações de leitura

Para saber mais, sugerimos as seguintes leituras:

Você pode fazer o download do livro “Brás, Bexiga e Barra Funda” completo em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7383

A revista Cult publicou em seu número 47 (junho de 2001) um dossiê introdutório à obra de Alcântara Machado.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

O português macarrônico de Juó Bananère

Explicação

Outros autores exploraram a presença da imigração italiana em São Paulo e o confronto entre essa língua e o português, gerando o que chamaram de “português macarrônico”. Dentre eles, destaca-se Juó Bananère, pseudônimo usado pelo escritor brasileiro Alexandre Marcondes Machado (1892-1931) que, mesmo sem ascendência italiana, registrou o som e a pronúncia dessa “língua” falada pela colônia italiana de bairros paulistanos.

Juó Bananère, que ironicamente se auto-denominava “Gandidato á Gademia Baolista di Letteras” (Candidato à Academia Paulista de Letras) publicou em 1915 o livro *La Divina Incenca*, além de textos em jornal e panfletos.

Leia a seguir a paródia de Juó Bananère ao poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias:

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá.
As aves che stó aqui,
Tambê tuttos sabi gorgeá.
A abobora celestia també,
Che tê lá na mia terra,
Tê moltos milliód di strella
Che non tê na Ingraterra.
Os rios lá sô maise grandi
Dus rios di tuttas naçó;
I os matto si perde di vista,
Nu meio da imensidó.
Na migna terra tê parmeras
Dove ganta a galigna dangola;
Na migna terra tê o Vap'relli,
Chi só anda di gartolla

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Charge sobre a Questão Christie

Charge



Documento da 3ª Fase

Ver todos os documentos

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Lugares malditos: a cidade do 'outro' no Sul brasileiro

Artigo acadêmico

“Com a instalação da república, em 1889, um governo autoritário, que tem no positivismo de Augusto Comte a matriz inspiradora de sua conduta política e administrativa, formula um ‘programa de governo’. Este visa proporcionar um desenvolvimento econômico global para o Estado, projeto este que implica, face a um Rio Grande predominantemente agropecuário, privilegiar também a dinamização da indústria e a renovação urbana. Este programa se desenvolve de forma paulatina, ao longo dos 40 anos da chamada ‘República Velha’ (1889-1930), e as preocupações com a modernização da cidade seguem também uma evolução gradual, constituindo uma questão recorrente: Porto Alegre se quer burguesa, bela, moderna, higiênica, ordenada... e branca. Neste sentido, os espaços estigmatizados da urbe podem ter “cor” precisa, e o vocabulário que designa a cidade indesejada também pode estabelecer uma associação racial/étnica com avaliações de natureza social, econômica e moral.”

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle

Artigo acadêmico

“Face ao realinhamento do Brasil nos quadros do capitalismo que então se mundializava, as principais cidades brasileiras, incluindo Fortaleza, não escaparam a esse processo de mudanças. A partir do século XIX, tomaram-se alvo de discursos, medidas e reformas que procuravam alinhá-las ao modelo europeu de modernização urbana. Era a inauguração de um projeto civilizatório para o País, de caráter europeizador, patrocinado pelas elites políticas, econômicas e intelectuais.

Para tanto, não bastaria apenas dotar a cidade de equipamentos e serviços modernos: era necessário ‘civilizar’ e ‘domesticar’ a população, sobretudo os setores populares, cujos hábitos e costumes eram tidos como rudes e selvagens pelos agentes daquele processo civilizador. (...)

Ante essa inédita expansão econômica e urbana de Fortaleza, convinha aos poderes públicos, elites enriquecidas e setores intelectuais procederem um significativo conjunto de reformas urbanas capaz de alinhar a cidade aos códigos de civilização, tendo como referência os padrões materiais e estéticos dos grandes centros urbanos europeus. Isso significava, também, disciplinar os pobres, doentes, mendigos, loucos, ‘vadios’ e prostitutas, vistos como agentes nocivos ao processo civilizatório, produtivista e normatizador pretendido para a capital.”

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Navegação a vapor do Rio Amazonas

Relatório

"Navegação a vapor do Rio Amazonas. Esta foi uma das grandes empresas que criei. Na época em que ninguém acreditava em empresas, foi anunciado pelo governo achar-se autorizado a contratar esta navegação, mediante subvenção e privilégio exclusivo.

Ninguém se apresentou, não obstante as folhas diárias repetirem o anúncio durante alguns meses!

Amigo pessoal e dedicado de um dos ministros deste período de descrença, fui instado para encarregar-me da missão civilizadora que esse fato levava em suas entranhas, e aceitei um contrato pelo qual modestos favores me foram concedidos, avultando, porém, entre eles o privilégio exclusivo da navegação do Amazonas e seus afluentes por trinta anos, ao passo que o serviço obrigatório que o contrato impunha era mínimo e assim era preciso, desde que o capital que se empregava ia arrostar o desconhecido.

(...)

A necessidade de converter em riqueza os grandes elementos naturais, disseminados sobre a extensão de um território tão vasto como o que compreende o Brasil, onde a população é comparativamente escassa, deu lugar a várias concessões amparadas com a garantia do Estado ou subvenções a companhias nacionais e estrangeiras, que se encarregaram de dar execução a empresas destinadas a conseguir tão importante fim.

(...)

Neste inventário imperfeito de alguns serviços prestados ao meu país, a que as circunstâncias em que me vejo colocado me obrigam, considero um dos maiores a realização da navegação a vapor no vale do Amazonas, no tempo em que ninguém acreditava nela.

Quando os poderes públicos decretaram primitivamente concessões, tratava-se de uma experiência que podia falhar; os resultados podiam não corresponder às previsões.

Os fatos vieram dar razão à política providente e atilada que semeou a colher, pois a colheita apareceu, e o vale do Amazonas que, embora represente a mais vasta circunscrição do território pátrio, contém uma população insignificante, não obstante já restitui aos cofres públicos em grossa torrente, e com enorme lucro, os adiantamentos que, para tão importante mister, foram sabiamente decretados, sem falar no bem-estar social, e grandioso incremento da riqueza pública e particular que esse fato determinou."

Glossário

realizado a partir das anotações de Cláudio Ganns (1896-1960], que lançou a primeira edição da autobiografia na década de 1940.

"foi anunciado pelo governo achar-se autorizado a contratar esta navegação, mediante subvenção e privilégio exclusivo."

A lei nº 586, de 6 de setembro de 1850, art.2º parágrafo 1º autorizava o governo a estabelecer no Amazonas e águas do Pará a navegação por vapor, para correios, transportes e rebocagem até as províncias vizinhas e territórios estrangeiros. A mesma lei consignava prestações a quem se propusesse a manter a navegação ou a empregar embarcações do Estado. A comarca do Alto Amazonas, na província do Grão-Pará, havia sido elevada à categoria de Província.

"Amigo pessoal e dedicado de um dos ministros deste período de descrença"

O Visconde de Mauá se refere a seu amigo o Ministro Monte Alegre, da pasta do Império, que havia referendado a criação da província do Amazonas.

"considero um dos maiores a realização da navegação a vapor no vale do Amazonas, no tempo em que ninguém acreditava nela."

A Companhia do Amazonas de Mauá cobria com seus vapores 580 léguas – 3.828 quilômetros – do Rio Amazonas brasileiro e 200 léguas – 1.320 quilômetros – do Rio Tocantins e outros rios vizinhos.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Carta do Brasil (1549)

Carta

“Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra muito grossa e larga (...) De maneira que logo as mulheres terão remédio de vida, e os homens [daqui] remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra”.

Para saber mais:

Sugerimos assistir o filme Desmundo, 2003, 101 minutos. Diretor: Alain Fresnot. Roteiro: Alain Fresnot, Sabina Anzuategui e Anna Muylaert. Elenco: Simone Spoladore, Osmar Prado, Caco Ciocler.

O filme é falado numa tentativa de aproximação ao português antigo, e legendado em português contemporâneo.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

O Brasil no Atlântico Sul

Artigo de revista

O historiador Luis Felipe de Alencastro defende que, nos séculos XVI e XVII, o Brasil foi um pólo de produção escravista dependente e organicamente ligado a Angola, um outro pólo produtor de mão-de-obra escrava para a agricultura brasileira. A formação do Brasil, portanto, seria um resultado da relação entre esses dois países.

“A nossa História não está restrita ao nosso território”, afirma o autor. Tendo o Atlântico Sul como ligação, a trajetória do Brasil dos séculos XVI e XVII está intimamente ligada à de Angola. Com uma ocupação portuguesa efetiva, esse país teve seus reinos independentes dizimados e limitou-se a desenvolver uma economia complementar à brasileira. A prioridade era o fornecimento de escravos para o mercado brasileiro, e atividades que pudessem concorrer com a agroindústria exportadora do Brasil não eram incentivadas. Sob esse aspecto, Alencastro sustenta que o Brasil, tradicionalmente visto como um país explorado, também explorou. “Angola foi pilhada pelos brasileiros, ou pelos colonos deste enclave lusitano”, afirma o historiador. Isso ocorreu por meio de guerras com o intuito de aumentar o tráfico de escravos.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Trecho de "O trato dos viventes"

Trecho de livro

"Nossa história colonial não se confunde com a continuidade do nosso território colonial. Sempre se pensou o Brasil fora do Brasil, mas de maneira incompleta: o país aparece no prolongamento da Europa. (...) A colonização portuguesa, fundada no escravismo, deu lugar a um espaço econômico e social bipolar, englobando uma zona de produção escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrada em Angola. Desde o século XVI, surge um espaço aterritorial, um arquipélago lusófono composto dos enclaves da América portuguesa e das feitorias de Angola. É daí que emerge o Brasil no século XVIII."

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Conselho Ultramarino

Representação legal

“Pede o Conselho que Vossa Majestade mande passar ordem ao governador das Minas pelas quais se lhe que não possa daqui em diante ser eleito vereador ordinário, nem andar na administração das vilas daquela capitania, homem que seja mulato dentro de quatro graus em que o mulatismo é impedimento, e que também não possa ser eleito [...]. Desta forma, ficarão aqueles ofícios dignamente ocupados e se conseguir que homens daquele país procurem deixar descendentes não defeituosos, impuros [...]”.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Quadrinha de 1824

Quadrinha

Sem grande corte na Corte

Não se goza um bem geral;

Que o corte é que nos faz bem,

A Corte, é quem nos faz mal.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Texto de Antonio Vieira (1694)

Documento

“São pois os ditos índios aqueles que vivendo livres e senhores naturais das suas terras, foram arrancados delas com suma violência e tirania, e trazidos em ferros com as crueldades que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas léguas até chegarem às terras de São Paulo onde os moradores serviam e servem deles como de escravos. Esta é a injustiça, esta é a miséria, isto o estado presente, e isto o que são os índios.”

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Texto de Domingos Jorge Velho

Documento

“(…) e se ao depois de dominá-los nos servimos deles para as nossas lavouras; nenhuma injustiça lhes fazemos; pois tanto é para os sustentarmos a eles e a seus filhos como a nós e aos nossos; e isto bem longe de os cativar, antes se lhes faz hum importante serviço em os ensinar a saberem lavrar, plantar, colher e trabalhar para seu sustento, coisa que antes os brancos lho ensinem, eles não sabem fazer”.

Glossário

“e isto bem longe de os cativar”

No sentido de escravizá-los.

Documentos

3ª Fase

Este documento não serve como prova.

A prova deve ser feita pela internet.

Guerrilha do Beijo

Artigo de revista

(...)

Na noite do dia 7 de Fevereiro de 1980, a cidade de Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, transformou-se em um palco para reivindicações contrárias ao Regime Militar. A noite foi marcada por discursos, passeatas, prisões e muita indignação. O motivo para o movimento, no entanto, parecia bastante inusitado; grupos de jovens da cidade exigiam o direito de beijar em espaços públicos.

A movimentação foi motivada pela decisão do juiz substituto da comarca, Manoel Morales, que proibia "beijos cinematográficos" no município. A ação, considerada por alguns jovens como conservadora, estava de acordo com outras decisões tomadas pelo poder público sorocabano: já haviam sido proibidos motéis na região e mesmo o apresentador de televisão Abelardo Barbosa (1917-1988), conhecido como Chacrinha, havia sido proibido de se apresentar na cidade por causa de suas dançarinas sensuais; as chacretes.

A reação à proibição dos beijos foi quase imediata. Pichações como O beijo é um negócio sem Morales, né, Mané? podiam ser encontradas nas ruas. E o refrão Mais beijo, mais pão, abaixo a repressão! ganhou grande adesão naquela noite de 7 de Fevereiro. No dia seguinte à passeata, que terminará com três jovens presos (um secundarista, um metalúrgico e um universitário), uma faixa rasgada podia ser lida no coreto: Beijem-se, sejam criminosos.